

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE ARTES  
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS**

**Os corpos e seus mundos: da poética ao ensino**

**Giuliano Ferrony Bressan**

**Setembro, 2023**

### CIP - Catalogação na Publicação

Ferrony Bressan, Giuliano  
Os corpos e seus mundos: da poética ao ensino /  
Giuliano Ferrony Bressan. -- 2023.  
58 f.  
Orientadora: Adriane Hernandez.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Artes, Licenciatura em Artes Visuais, Porto Alegre,  
BR-RS, 2023.

1. Corpos. 2. pintura. 3. despadroneização. 4.  
resiliência. 5. ensino. I. Hernandez, Adriane, orient.  
II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os  
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**Giuliano Ferrony Bressan**

**Os corpos e seus mundos: da poética ao ensino**

Trabalho de Conclusão apresentado ao curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciando em Artes Visuais.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Adriane Hernandez.

Banca Avaliadora:

Prof. Dr. Celso Vitelli

Profa. Dra. Jéssica Becker

**Porto Alegre, 2023**

## Agradecimentos

Expresso minha profunda gratidão à querida professora Adriane Hernandez por sua orientação exemplar ao longo deste processo. Sua sabedoria, paciência, dedicação e amizade foram fundamentais para a realização deste trabalho. Sua orientação me inspirou a alcançar o meu melhor, e sou imensamente grato por isso. Agradeço aos membros da banca, Jéssica Becker e Celso Vitelli, por dedicarem seu tempo e conhecimento à avaliação deste estudo. Suas valiosas contribuições e *insights* enriqueceram com qualidade o resultado da pesquisa. Agradeço por extensão a todo corpo docente do curso de Licenciatura em Artes que de todas as formas foram importantes em momentos pontuais de minha trajetória como aluno. À minha família, um agradecimento especial por seu apoio incondicional ao longo dessa jornada. Muito obrigado por sempre acreditarem em mim, pela paciência e pelo amor constante que me motivou a seguir em frente. E aos meus amigos, que estiveram ao meu lado durante todas as etapas deste processo, quero agradecer por seu incentivo, apoio e compreensão. Sua amizade foi um verdadeiro suporte emocional.

## **Resumo**

O texto que segue, tem o intuito de apresentar uma reflexão sobre dois eixos de pesquisa desenvolvidos durante o curso de Licenciatura em Artes Visuais: o meu processo de criação em pintura, iniciado em 2017, e minhas experiências com o estágio de docência em artes visuais realizado no Colégio de Aplicação em 2023, durante a escrita desse Trabalho de Conclusão. A narrativa parte das minhas experiências com pintura, resgatando um projeto anterior chamado *Corpos Resilientes* em que busquei refletir sobre a fragilidade e força de corpos despadronizados, Também neste TCC apresento um projeto de ensino que tem como seu tema central a dessacralização da representação dos corpos na arte e na cultura do ensino das artes. Este projeto utilizará os autores Judith Butler e Michel Foucault, e os artistas visuais Matheusa Passareli, Nidia Aranha, Jaider Esbell, Maria Lidia Magliani, Jean-Michel Basquiat e Cecily Brown como referenciais teóricos e artísticos.

**Palavras-Chave:** Corpos; pintura; despadronização; resiliência; ensino.

<b>1. Apresentação.....</b>	<b>7</b>
<b>2. Da Poética .....</b>	<b>12</b>
<b>3. Da Poética II.....</b>	<b>27</b>
<b>4. Atravessamentos.....</b>	<b>35</b>
<b>5. Proposição de atividades para o Ensino Médio e Estágio III.....</b>	<b>46</b>
<b>6. Considerações Finais.....</b>	<b>55</b>
<b>7. Referências.....</b>	<b>57</b>

## **1. Apresentação**

### **Trajétoria de um corpo resiliente: experiências significativas para minha formação**

Desde muito cedo, como primeira expressão, tive um particular interesse pela representação de corpos de figuras alegóricas, formas e padrões diversos, como caricaturas. Esses corpos e fabulações eram como fragmentos de um jogo. As inúmeras formas desenhadas eram recortadas, coladas novamente ou deixadas soltas ou agrupadas em coleções de tipos variados, grupos e famílias, num imenso cenário ilusório onde as histórias inventadas nunca terminavam. Desenhar esses corpos com verdadeiro entusiasmo, foi uma prática que durou todo período da infância.

Após essa fase, a paixão pelo desenho parecia esgotada, mas o interesse ressurgiu inevitavelmente com o ingresso no curso de Licenciatura em Artes Visuais, da UFRGS, no ano de 2017. Nesse momento foi possível observar de forma mais clara alguns aspectos do universo das artes. Até então, os ambientes artísticos representavam um mundo em que se tinha acesso a ateliês, museus, bienais e vernissages, com exposições de artistas onde se conhecia produções artísticas de todos os tipos. E o curso de licenciatura me parecia viver uma realidade muito distinta desse mundo onde se produz e onde se frui artes, onde ocorre um encantamento quase que obrigatório, quase inerente a quem a esse meio pertença de alguma forma. Se percebe que o

meio artístico, antes visto num primeiro momento como um mundo confiável é, na verdade, restrito e pequeno, deslocado da realidade e frágil, diante de uma sociedade de predominância de valores normativos, conservadores e tradicionais, e com propósitos nada poéticos.

O curso de licenciatura em Artes, na UFRGS, possibilitou realizar diversas disciplinas com práticas artísticas, paralelamente às disciplinas teóricas, e levou a um retorno às formas de expressão gráficas e experimentos, introduzindo materiais e técnicas, abrindo um vasto campo de exploração de linguagens artísticas. O contato diário com essa nova materialidade foi libertador, pois permitiu o resgate de uma necessidade antiga, de uma vontade que se pensava morta, mas que estava apenas dormente. O impulso criativo, êxtase, arroubo, enlevo, o que quer que seja, estava lá de volta.

No primeiro semestre de 2018 surgiu uma oportunidade de monitoria acadêmica voluntária, sob orientação da Professora Dra. Adriane Hernandez. Nesse momento, pensar o sistema de ensino na prática promoveu um deslocamento curioso, o rompimento de um limite muito sutil que nem era percebido. Essa experiência levou a aquisição de uma bolsa de iniciação científica, do segundo semestre de 2018 até o final de 2019, também sob orientação da Profa. Adriane, no projeto: Pintura Contemporânea, Poéticas, Ensino e Abordagem, que resultou na realização de mais de cinquenta trabalhos em pintura sobre vários suportes. Em 2019, em estágio acadêmico, foi feita a observação de aulas de artes na Escola Técnica Estadual Senador Ernesto Dornelles, sob orientação do Prof. Dr. Celso Vitelli, justamente na escola em que havia finalizado o Ensino Médio há bem pouco tempo. Uma experiência ímpar, pois incorporar o papel de educador ainda era uma atividade sentida de forma alheia.

No final de 2019, ocorreram duas exposições individuais em que foram apresentados alguns dos trabalhos realizados no projeto de pesquisa pictórica.

A primeira, intitulada “Corpos Resilientes: Ato I - A Natureza Saturada”, ocorreu em outubro, no Espaço Z, do Centro Cultural da Ufrgs, com a curadoria do coletivo composto por Anna Mattos, Tristan Jardim e Sue Gonçalves.

A segunda, intitulada “Corpos Resilientes - Ato II - As Noites de Desconforto”, ocorreu em novembro, no Saguão Ado Malagoli no Instituto de Artes da Ufrgs, com curadoria de Tristan Jardim, da Equipe Incubadora de Projetos Artísticos.

Em 2020, a oportunidade de fazer um intercâmbio na Universidade de Vigo, Campus de Pontevedra, na Espanha, chegou a se confirmar por um breve período até que, por razão das restrições geradas pelo surto do novo corona vírus - COVID-19, caracterizado como pandemia, todas as instituições de uso coletivo na Espanha foram obrigadas a interromper suas atividades presenciais. Nessa nova conformação, e com impedimento de retornar ao Brasil, mesmo tentando dar continuidade ao programa de ensino em Pontevedra via on-line, o isolamento forçado, as dificuldades de realizar procedimentos básicos para garantir a permanência, levou a arriscar outras oportunidades de aprendizado no continente europeu, após uma transferência para a França.

Em Paris, por intermédio de uma indicação providencial, foi possível trabalhar voluntariamente (*benevolet*), por alguns meses, na Associação PASTT - *Groupe de prévention et d'action pour la santé et le travail des transsexuelles*). Uma experiência imersiva de grande significado e de aprendizado junto àquela comunidade durante o período da pandemia.

Desde o retorno ao Brasil, todos os esforços para permanecer no curso foram legítimos, apesar das inúmeras interrupções e dos desvios por conta das restrições da pandemia que se estendeu ainda por vários meses. As ambiguidades, as incertezas e as inconformidades, experienciadas durante esse período sombrio, ainda foram ampliadas devido às tendências políticas anti-vacina, anti-arte, anti-cultura e anti-educacionais que de forma predatória se instalaram no país. E foi nesse cenário de caos social e psíquico, que o desenvolvimento de um projeto que tem como mote inspirador o termo RESILIÊNCIA<sup>1</sup> passa a fazer todo sentido. Como uma confirmação de pontualidade, de estar presente, e de fazer parte de algo que resiste, que se quer

---

<sup>1</sup> Capacidade que um indivíduo ou uma população apresenta, após momento de adversidade, conseguindo se adaptar ou evoluir positivamente frente à situação.

maior e mais pleno, e sempre e cada vez mais movido pelo desejo intenso de subverter todos os ranços de um passado recente.

Nos anos de 2021 e 2022 a relação com a arte e com a educação é fortalecida a partir das experiências realizadas no campo. Em 2021 ocorreram mais algumas experiências positivas na universidade em duas monitorias para disciplinas de pintura com a professora Adriane Hernandez. No decorrer dessas experiências foi possível observar várias possibilidades de abordagem de aulas com diversas proposições de exercícios que desenvolviam as habilidades artísticas dos alunos. Em 2022 um curso profissionalizante de maquiagem profissional levou a um conhecimento singular sobre diferentes combinações de materiais, cores e texturas, e que resultou num processo criativo modificado por esse atravessamento.

Também em 2022, a realização de um estágio, desenvolvido na atividade pedagógica de Estágio II, no colégio de aplicação, da UFRGS, com as crianças do sétimo ano. Foi a primeira experiência atuante, propriamente, como docente em uma escola, onde propus uma atividade de criação de mini-espços expositivos. Nesse Estágio II, consegui ter êxito na proposição e, assim, as crianças contemplaram os objetivos propostos. A experiência foi muito rica no sentido de permuta de sensações. Algo inédito, para mim até então, e que somente se torna possível nessas condições de encontros sequenciais, de algumas poucas horas em que se tem um propósito em comum.

Ao final desse mesmo ano do ano surgiu a oportunidade de participar da 13ª bienal do Mercosul, junto à equipe do Educativo, exercendo a função de Mediador Cultural. A mediação foi realizada no Cais do Porto, dentro do único armazém que até então não havia sido privatizado. Nessa experiência, que durou cerca de três meses, o contato com escolas e com pessoas de todas as idades, normalmente 12000 pessoas por dia, aprimorou as habilidades com arte-educação e fez todos os esforços para estar ali naquele momento valerem a pena! Perceber a prática de ensino com essa responsabilidade e em um território amplo e sem definição de cerceamentos e de limites estabelecidos, foi sem dúvida uma vivência que levou a pensar a Escola a partir

de outras possibilidades de funcionamento, deslocada de seu ambiente formal e mais perto do que se imagina ser uma escola aberta.

Atualmente foi iniciada uma nova pesquisa a com o desenvolvimento da prática da pintura, o que naturalmente traz novas reflexões a esse projeto de TCC.

## **2. Da poética**

No projeto de pesquisa realizado a partir de 2018 iniciou-se uma reflexão sobre o processo de produção de imagens e uma busca por questões imanentes, materialidades e ações, mas também relativas à representação. Desde os trabalhos realizados nas disciplinas práticas dos primeiros semestres, os temas abordados já se anunciavam e passaram a repercutir num processo artístico.

Uma questão recorrente que aparece é a representação de corpos despadronizados e marginais habitando paisagens diversas. Corpos estranhos de personagens sem vínculos de pertencimento à sociedade normativa que define padrões do que possa ser admitido por relações de poder. Em "Vigiar e Punir: nascimento da prisão", Michel Foucault propõe uma análise crítica das instituições punitivas e de controle social, mostrando como o poder se manifesta nas sociedades modernas. Essa perspectiva se mostra relevante para a compreensão da relação entre o corpo e o poder na arte, especialmente em relação às práticas disciplinares que moldaram a representação dos corpos ao longo da história influenciando as normas e padrões estéticos impostos pela e para a sociedade. Foucault argumenta que o poder não é algo que um indivíduo ou uma instituição possua, mas sim algo que permeia todas as relações sociais.

O poder seria, essencialmente, aquilo que dita a lei, no que diz respeito ao sexo. O que significa, em primeiro lugar, que o sexo fica reduzido, por ele, a regime binário: lícito e ilícito, permitido e proibido. Em seguida, que o poder prescreve ao sexo uma “ordem” que funciona ao mesmo tempo como forma de inteligibilidade: o sexo se decifra a partir de sua relação com a lei. (Foucault, p.81,1985)

Nessas relações de poder o corpo é compreendido como objeto de manipulação. Ao longo dos séculos XVII e XVIII os processos disciplinares, que já eram comuns nos conventos, exércitos e oficinas, tornam-se dispositivos claros de dominação e controle dos corpos.

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. (Foucault, p. 164, 1987)

Minha pesquisa é sobre corpos, corpos que não se enquadram de uma maneira fácil no mundo, corpos excluídos e rejeitados. Busco, pela representação não idealizada, enfatizar a imensa carga emocional e as fragilidades que estes “corpos estranhos” apresentam. O repertório artístico faz referência à problemáticas de gênero, de sexualidade e da natureza, num processo pictórico que pode ser definido como catártico e ao mesmo tempo lúcido. Na obra "Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade", Judith Butler propõe uma crítica aos discursos hegemônicos de gênero e mostra como a performance dos corpos é fundamental para a construção das identidades de gênero. A autora aborda a ideia de que o gênero é uma construção social e argumenta que as normas de gênero são impostas pela sociedade e que são perpetuadas por meio das representações culturais, incluindo a arte e o ensino de artes. Dessa forma, é possível compreender que as representações dos corpos na arte e no ensino de artes são influenciadas pelas normas de gênero que, por sua vez, têm um impacto significativo na vida das pessoas. Essa perspectiva se mostra relevante para a compreensão de que a partir da performatividade<sup>2</sup> de

---

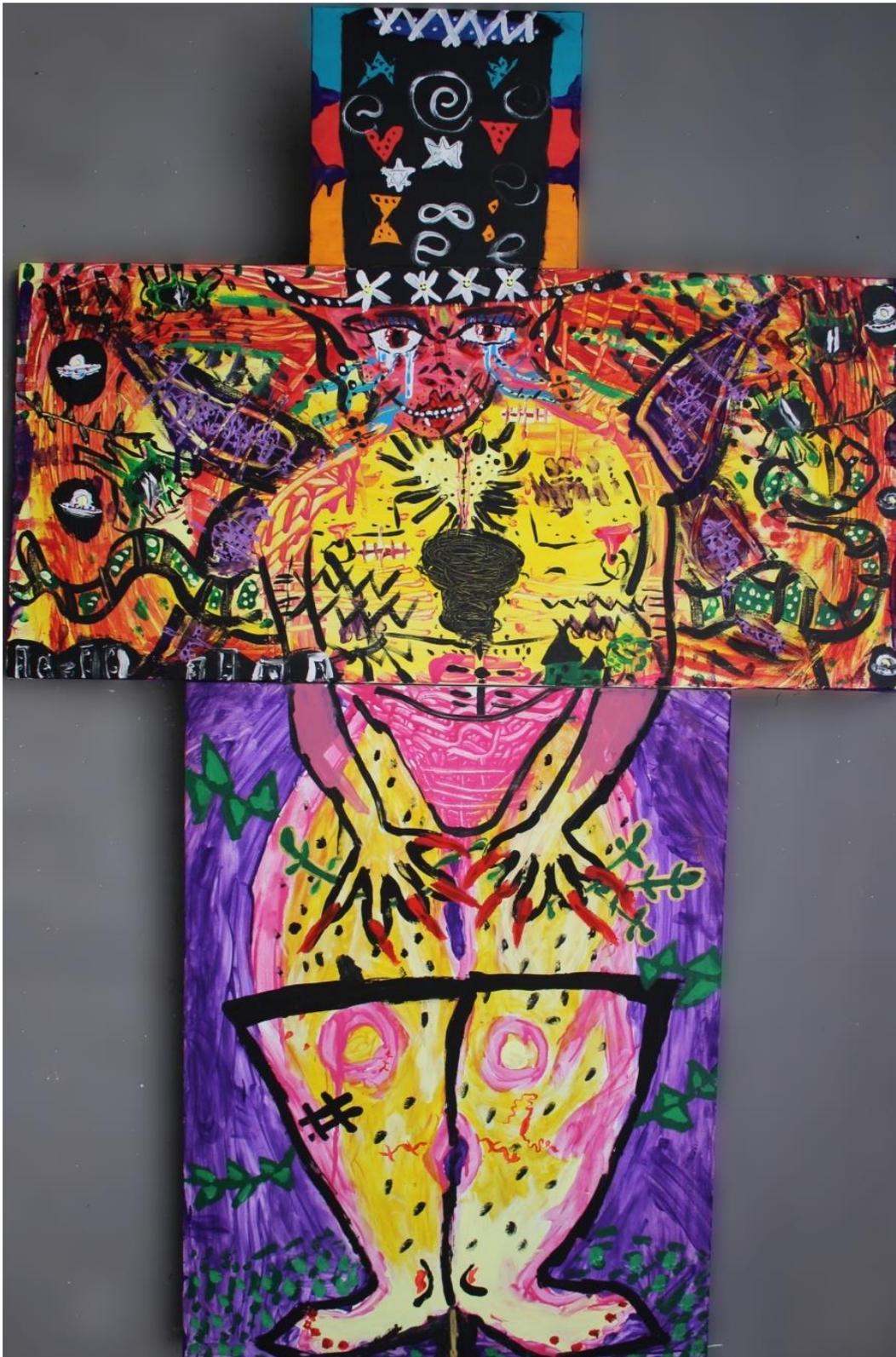
<sup>2</sup> Nas palavras de Butler, “práticas parodísticas baseadas numa teoria performativa de atos de gênero que rompem as categorias de corpo, sexo, gênero e sexualidade, ocasionando sua resignificação subversiva e sua proliferação além da estrutura binária.” (Butler, p. 12-13, 2019)

gênero na arte e na representação dos corpos os artistas podem contribuir para o desenvolvimento de novas percepções de gênero e identidade. A arte se apresenta portanto como uma ferramenta de grande importância para a desconstrução das normas tradicionais e rígidas de gênero, e a representação de corpos e identidades fluídos desafia e cria novas percepções perante as práticas dominantes de ensino.

Nos meus trabalhos, o gesto pictórico resultou na criação das formas que compõem parte de uma identidade frágil, mas resiliente. Numa celebração alegórica manifestaram-se personagens como anjos, fauna, flora, corpos LGBTQIAP+, espectros, flores animadas e plantas carnívoras com apresentações ambíguas. As pinturas não deixam de flertar com o humor, mas sempre com um resíduo melancólico adjacente e também é possível observar em quase todas esses trabalhos elementos pertencentes ao imaginário infantil, mais especificamente nas formas de composição que desobedecem quaisquer regras de cânone, espaço, planos e perspectivas, mas que ao mesmo tempo destoam desse universo ingênuo ao contrapor uma narrativa ácida e por vezes dolorosa.



Giuliano Ferrony Bressan. *País que mais nos mata no mundo*, 2019.  
Guache e acrílica sobre eucatex e moldura. Dimensões: 55 x 68 cm.



Giuliano Ferrony Bressan. *The dream man*, 2019.  
Guache e acrílica sobre chapa de madeira e eucatex. Dimensões: 165 x 100 cm.



Giuliano Ferrony Bressan. *Rest in peace*, 2019.  
Guache e Acrílica sobre ucatex. Dimensões: 70 x 53 cm.



Giuliano Ferrony Bressan, *Portais para anjos caídos*, 2019.  
Guache e acrílica sobre eucatex. Dimensões: 61 x 85 cm.

Nessa primeira abordagem a representação de imagens se deteve mais intensamente nas questões da comunidade LGBTQIAP+ que sempre estiveram às margens de todas as construções de significado, reforçadas a cada avanço ou retrocesso percebido na sociedade devido aos impactantes acontecimentos políticos. No auge de uma radicalização por parte da extrema direita os conceitos de sexualidade, as nomenclaturas, que a seu tempo buscavam ampliar o sentido democrático de representação das identidades diversas, nunca estiveram tão à prova, devido aos efeitos nocivos gerados pelo estado de vigilância e suspeição instaurado e que fixou sua mais manifesta rejeição à instituição da linguagem neutra. Numa sociedade fragmentada e, sob diversos aspectos, isolada do campo da realidade, pode-se afirmar que novamente as questões de sexualidade voltaram a causar desconforto e desinformação, e o sexo e suas distintas formas, é percebido como um problema.

...campo de alta fragilidade patológica: superfície de repercussão para outras doenças, mas também centro de uma nosografia própria, a do instinto, das tendências, das imagens, do prazer e da conduta. A obtenção da confissão e seus efeitos são recodificados na forma de operações terapêuticas e intervenções médicas, revelando-se indispensável ao diagnóstico e à cura"... "um lugar de processos ocultos por mecanismos específicos; um foco de relações causais infinitas, uma palavra obscura que é preciso, ao mesmo tempo, desencavar e escutar. (FOUCAULT, 1988, p. 66)

Através da ruptura da sacralização na representação dos corpos, somos convidados a imergir nesse contexto simbólico que resulta de uma pesquisa naturalmente projetiva, reflexo de uma vivência fundamentada em todas essas questões, atravessadas pelo universo fictício das artes.



Giuliano Ferrony Bressan. *O renascimento de Venus*, 2019.  
Guache e acrílica sobre chapa de madeira. Dimensões: 81 x 125 cm.



Giuliano Ferrony Bressan. *Power bottom*, 2019.  
Guache e acrílica sobre chapa de aglomerado.  
Dimensões: 88 x 44 cm.



Giuliano Ferrony Bressan. *Fragile*, 2019.  
Guache e acrílica sobre madeira e eucatex. Dimensões: 125 x 90 cm.



Giuliano Ferrony Bressan. *Daquelas ilusões de carnaval*, 2019.  
Acrílica e guache e sobre eucatex. Dimensões: 99 x 90 cm.



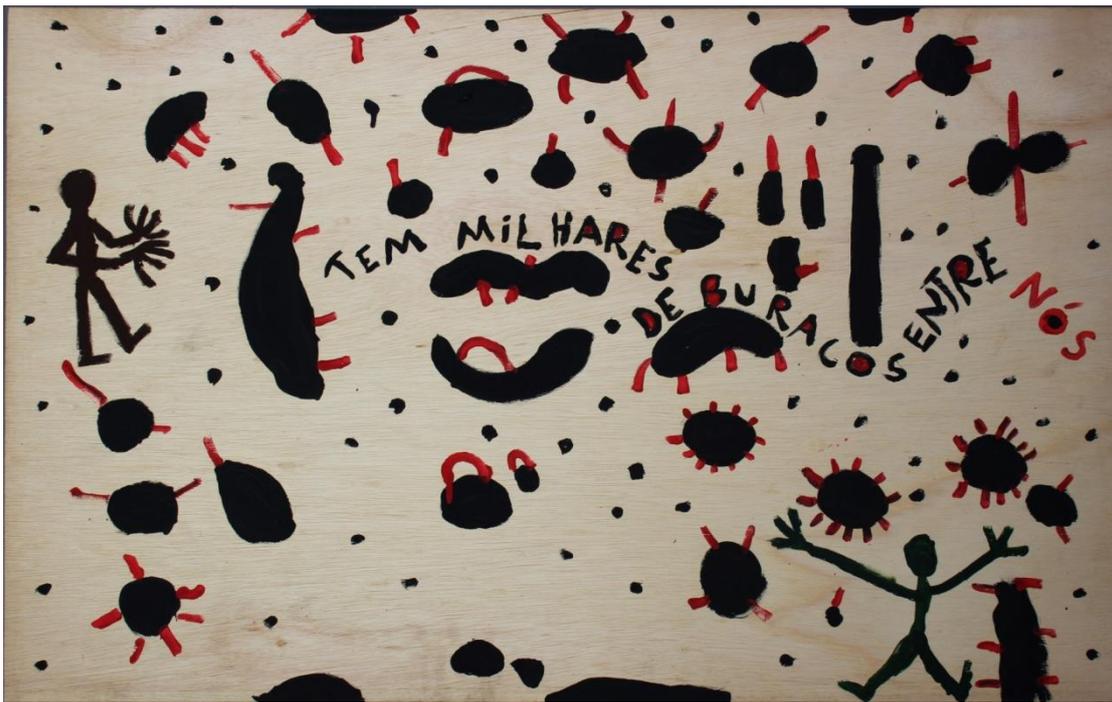
Giuliano Ferrony Bressan. *Les beaux jours dans la maison*,  
2019.  
Guache e acrílica e sobre eucatex. Dimensões: 83 x 70 cm.



Giuliano Ferrony Bressan.  
*Anja da guarda*, 2018.  
Guache e acrílica sobre tela fixada sobre  
tecido acolchoado e pingentes.  
Dimensões: 97 x 68 cm.



Giuliano Ferrony Bressan. *Heaven*, 2019.  
Guache e acrílica sobre tela. Dimensões: 70 x 140 cm.



Giuliano Ferrony Bressan. *Os espaços entre nós*, 2019.  
Guache e acrílica sobre chapa de madeira. Dimensões: 81 x 125 cm.



Giuliano Ferrony Bressan. *Fada resiliente*, 2019.  
Guache e acrílica sobre chapa de eucatex. Dimensões: 80 x 60 cm.



Giuliano Ferrony Bressan. *As pocs invadiram o banheiro*, 2018.

Guache e acrílica sobre tela fixada sobre tecido acolchoado e pingentes. Dimensões: 37 x 75 cm.



Giuliano Ferrony Bressan. *The other eden*, 2019.

Guache e acrílica sobre chapa de eucatex. Dimensões: 45 x 230 X 8 cm.



Giuliano Ferrony Bressan. *Weeds*, 2018.

Guache e acrílica sobre telas. Dimensões: 11 x 35 cm.



Giuliano Ferrony Bressan. *Memória de tarde de verão*, 2019.  
Acrílica e guache e sobre chapa de eucatex. Dimensões: 76 x 43 cm cada chapa.



Giuliano Ferrony Bressan. *I want so badly to be good*, 2019.  
Guache e acrílica sobre chapa de madeira. Dimensões: 81 x 125 cm.



Giuliano Ferrony Bressan.  
*A destruição do laço*, 2019.  
Guache e acrílica sobre chapa de eucatex. Dimensões: 85 x 61 cm.



Giuliano Ferrony Bressan.  
*Hungry heart*, 2018.  
Guache e acrílica sobre tela fixada sobre tecido acolchoado, laço de tecido e plantas artificiais.  
Dimensões: 38 x 33 cm.



Giuliano Ferrony Bressan. *Le chat gâté*, 2019.

Guache e acrílica sobre bicho de pelúcia com adereços. Dimensões: 40 x 20 x 30 cm.

### **3. Da poética II**

Nos trabalhos mais recentes, após um período que se estendeu durante a fase final da pandemia, simultâneo ao conturbado cenário político brasileiro, observa-se uma abertura de novos caminhos e possibilidades no desenvolvimento plástico e formal das obras. Nesse momento, teve início um processo que compreendo como uma desfragmentação do figurativo e do reconhecível na representação das minhas percepções e sensações.

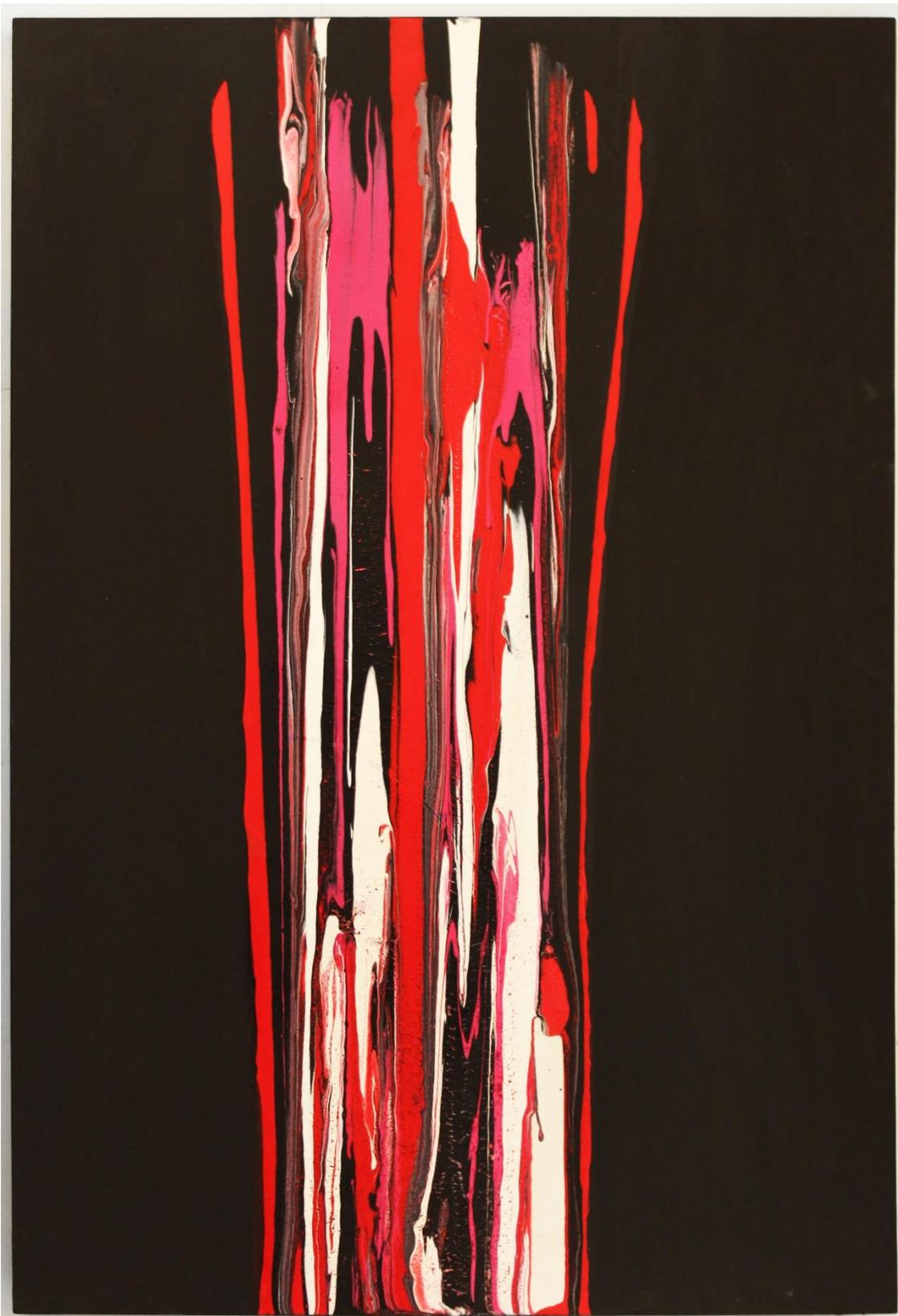
Numa analogia clara com o mais puro sentimento de desmembramento e dissolução das certezas relativas aos mais variados setores da existência, como professor de arte, como artista etc., quando já quase mais nada se sustenta em sua concretude, integro ao processo criativo o recurso da abstração e também de figuras gráficas que resultam em novos corpos, corpos dançantes em movimento, derretendo, explodindo e querendo sair da tela. Corpos que podem ser vistos além da corporeidade, corpos mundos, corpos mutáveis, manipuladores e elásticos.

Como resultado desse processo de desconstrução através dessa minha dança particular com os materiais, com a tela, com as tintas guache e acrílica e movimentos

variados com os mesmos, surgem cores inevitáveis, espaços improváveis, contrastes, saturações, estampas e formas intuitivas e surgidas muitas ao acaso, ou seja, tudo que agora busca se manifestar por meio de pulsação e ritmo sem limites e resistência.



Giuliano Ferrony Bressan.  
*Colisão*, 2021 - 2022.  
Guache e acrílica sobre tela.  
Dimensões: 100 cm x 100 cm.



Giuliano Ferrony Bressan.  
*Trunk*, 2023.  
Guache sobre tela.  
Dimensões: 119 cm x 80 cm.



Giuliano Ferrony Bressan.

*Reflexo*, 2023.

Guache sobre tela.

Dimensões: 132 cm x 108 cm.



Giuliano Ferrony Bressan.  
*Souls in Hell*, 2023.  
Guache e folha metálica sobre tela.  
Dimensões: 50 cm x 60 cm.



Giuliano Ferrony Bressan.  
*Souls scape* - 2023.  
Guache sobre tela.  
Dimensões: 50 cm x 60 cm.

A partir dessas novas experimentações é possível reconhecer uma imensa gama de possibilidades que se abrem, uma vontade de irromper por caminhos nunca antes navegados e soltar as amarras do passado. A desconstrução das formas que se operou nesse momento também aponta para uma necessidade de mudança de paradigma estético, no nascimento intuitivo de novos elementos arquetípicos carregados de vitalidade como os que aparecem nas pinturas “Big Heart Pink Blue” e “Falling”.



Giuliano Ferrony Bressan.  
*Big Heart Pink Blue* - 2023.  
Guache e acrílica sobre tela.  
Dimensões: 129 cm x 105 cm.



Giuliano Ferrony Bressan.  
*Resilient Knight*, 2023.  
Guache e folha metálica sobre tela.  
Dimensões: 30 cm x 40 cm.



Giuliano Ferrony Bressan.  
*L'origine du Monde*, 2023.  
Guache sobre tela.  
Dimensões: 50 cm x 70 cm.



Giuliano Ferrony Bressan.  
*Bodies Dancing*, 2023.  
Guache sobre tela.  
Dimensões: 50 cm x 70 cm.

Diferentemente das formas reconhecíveis das fases anteriores, nas quais os significados aparecem muito aderidos aos contextos representados, o momento presente busca, portanto, novos corpos, menos literais e mais fluídos e livres.



Giuliano Ferrony Bressan.

*Falling*, 2023.

Guache e folha metálica sobre tela.

Dimensões: 108 cm x 132 cm.

#### **4. Atravessamentos**

Tomando como referência estética a obra de artistas que trabalham dentro do que compreendo por uma afecção dos corpos<sup>3</sup> (no sentido spinoziano, o efeito que um corpo produz sobre o outro) é possível traçar uma poética múltipla de sentidos muito prementes na atualidade e de suma importância nessa transição que se espera consumada num futuro próximo. Nesse sentido, a escolha pelos artistas Jean-Michel Basquiat, Maria Lídia Magliani, Jaider Esbell, Matheusa Passareli, Nidia Aranha e Cecily Brown não se deu apenas por razões estéticas mas, igualmente, na proporção de seus legados simbólicos.

Jean-Michel Basquiat (1960 - 1988), um dos artistas mais influentes da década de 1980, usava o corpo como um veículo para explorar questões sociais e políticas mais amplas. Era conhecido por seu estilo de pintura urbana e pelo uso de imagens e símbolos que refletiam sua experiência como um jovem negro e porto-riquenho na cidade de Nova York. Basquiat frequentemente explorava a relação entre o corpo e a

---

<sup>3</sup> Afecção no sentido spinoziano: “Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais a sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções” (SPINOZA, 2007).

identidade, usando imagens de corpos fragmentados e desmembrados para transmitir sua própria sensação de deslocamento e alienação. Corpos muitas vezes representados como esqueléticos e desprovidos de carne, remetendo à violência e à marginalização enfrentadas por muitos negros nas sociedades. Além disso, suas pinturas muitas vezes apresentavam referências a figuras históricas e culturais, como poetas e músicos afro-americanos, que se tornaram ícones da resistência e da luta por justiça e igualdade.

A partir da estética fragmentada de Basquiat a afecção é direta quando se mergulha em seus personagens que retratam literalmente a condição humana, em toda sua complexidade e em relação direta com os conflitos de classe, solidão, violência e racismo. Na imagem seguinte o sentido de injustiça, de opressão e impunidade são flagrantes

Imagem 1



Jean-Michel Basquiat. *The Death of Michael Stewart*, 1983, Acrílico e marcador sobre madeira, 63.5cm x77.5cm



Imagem 2

Jean-Michel Basquiat. *Irony of the Negro Policeman*. 1981  
Acrílico e grafite sobre madeira

Maria Lídia Magliani (1946 - 2012), artista brasileira nascida em Pelotas - RS, explorava principalmente as questões do corpo feminino e sua representação na arte, as fronteiras entre o corpo humano e o ambiente que o cerca. Retratava experiências de mulheres em diferentes contextos sociais e culturais, abordando temas como sexualidade, maternidade e violência de gênero. Em muitas de suas obras, ela representa corpos humanos ou criaturas abstratas em nítida situação de opressão. Sua obra questiona e provoca o lado obscuro dos seres através de misturas de formas paradoxalmente fascinantes. O resultado é uma obra que sugere a interconexão entre todas as coisas vivas e uma reflexão sobre como o corpo humano é afetado pelo ambiente em que vive.

Em Maria Lidia Magliani, essa afecção se manifesta também a partir dos temas recorrentes tratados pela artista principalmente nas provocativas representações de corpos de mulheres volumosas e com deformações, nas décadas de 70 e 80.



Imagem 3

Ilustração de Maria Lídia Magliani  
Reprodução do Jornal Mulherio de 1982,



Imagem 4

Reprodução de imagem da artista em frente a um  
trabalho. Na mostra recente na Fundação Iberê Camargo.



Imagem 5

Maria Lídia Maliani. Sem título, 1979

Jaider Esbell (1979 - 2021), um artista indígena brasileiro, além de curador, escritor, educador, ativista, promotor cultural e pensador contemporâneo, na defesa dos direitos indígenas, da sua cultura e saberes ancestrais, compreendia que o sistema de arte indígena não tinha nada a ver com o sistema de arte dos europeus, algo imposto aos grupos indígenas durante e depois da colonização. Sua arte leva a uma compreensão mais clara do conceito corpo-território, corpo-coletivo, como uma possibilidade de resistência perante um permanente colonialismo que busca impor o apagamento cultural indígena de forma sistemática. Suas obras representam as tradições culturais e espirituais dos povos indígenas e desafiam as noções ocidentais de estética. O artista incorporava elementos da natureza em suas obras, sugerindo a conexão entre a terra e a identidade indígena.

A afecção que se estabeleceu com o artista Jaiber Esbell no ano de 2021, deu-se através do impacto causado por seu trabalho exposto no espelho d'água no Parque da Redenção, que foi montado por ocasião do 28º Porto Alegre em Cena. Na ocasião, a obra causou polêmica, particularmente entre a comunidade conservadora que viu naquelas formas sinuosas de cobras que fazem parte da simbologia Makuxi<sup>4</sup>, elementos de provocação no âmbito religioso, por afrontar as religiões cristãs. Essa distorção e os eventos negativos gerados a partir dessas interpretações carregadas de preconceito que se revelaram mais claramente sob ponto de vista étnico, teve consequências na sensibilidade do artista, que cometeu suicídio no mesmo ano de exposição desse trabalho.

---

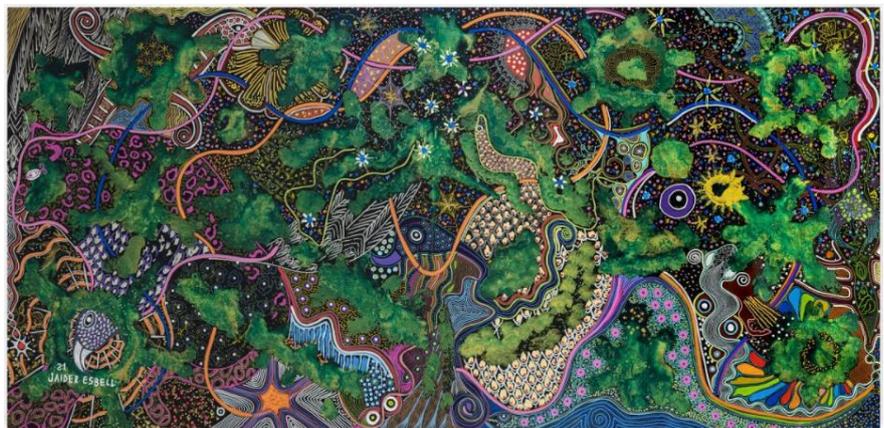
4 A simbologia da etnia Makuxi, população indígena situada na região circun-Roraima, é parte significativa do repertório do artista Jaider Esbell.

Imagem 6



Instalação que compõe a obra "*Entidades*", de Jaider Esbell.

Imagem 7



Obra da primeira exposição de Jaider Esbell no ano de 2021, na Galeria Millan - SP

A relação de afecção aqui se estabeleceu por vínculos de empatia, no tocante ao reconhecimento por uma obra que se agigantava a passos imensos ao longo de uma carreira como artista plástico relativamente recente, mas já de longa data como ativista pelo reconhecimento e legitimação da cultura indígena.

A presença do corpo estranho é uma constante na arte de Matheusa Passareli (1997 - 2018). Em seus trabalhos, ela utiliza a sua própria presença física como elemento de intervenção e transformação do espaço. Utiliza diversas técnicas e linguagens para questionar os padrões estéticos e sociais impostos ao corpo. Suas performances e instalações têm o objetivo de provocar o espectador e estimulá-lo a refletir sobre a forma como encara o próprio corpo e o dos outros.

Ela incorpora objetos incomuns ao seu corpo, como arame farpado, vidro e materiais de construção. A artista explora a relação entre o corpo humano e o ambiente construído, criando um diálogo entre o orgânico e o inorgânico. Com uma estética que mistura o grotesco e o belo, Matheusa criou imagens impactantes que nos fazem pensar sobre a diversidade e a complexidade do corpo humano.

Matheusa Passareli, assassinada aos 21 anos em 2018, artista não binária que atuava em diversas linguagens da arte, como fotografia, vídeo e performance, representou uma revolução na comunidade LGBTQIAP+, por tudo que realizou como militante e pelos sentimentos que reverberou no meio artístico apesar de sua breve passagem.

*“ser corpo estranho é ser cidadão.*

*na sociedade normativa acadêmica branca colonizada cisgênero heterossexual consumista.*

*ser corpo estranho é ter tomado consciência da importância de existir, quando desde criança viver no mundo era seguir padrões em detrimento de sua própria natureza. detrimento do bem estar de ser quem quiser. da liberdade de poder habitar.*

*eu habito o meu corpo para buscar habitar corpos e espaços nunca conhecidos. utilizo de poesia como forma de sobrevivência sobre a pulsão de ser verdadeiro e estar o tempo inteiro se afirmando. ser só se tornou possível através do contato com corpos estranhos, corpos que habitam sua próprias subjetividades e vivem também na cidade. corpos estranhos em contato provocam descobrimentos e proporcionam o entendimento de outras realidades, o estranhamento não deve ser motivo para tornar negativo os julgamentos.*

*o estranhamento precisa ser entendido como o contato com o outro. o diferente. diferente em corpo que se fez em trajetórias individuais. indivíduos. vivendo em solos de controle e manipulação, sendo colocados como sociedade e por isso obrigados ao contato. corpos se tornam obrigados a servir a moeda. a utilizar da prata para atingir ao progresso, que mais uma vez vai em detrimento dos recursos naturais e livres.*

*nome, coisa, animal, objeto (adedanha)*

*órgãos de um sistema*

*em funcionamento pleno*

*massacreh permanente. @theusinha em estado de graça.”*

**Extraído do texto ‘Corpo estranho’ e outros, por Matheusa Passareli (<https://sxpolitics.org>)**



Imagem 8 – Gravura para a capa do Cordel Sertransneja.

Imagens 9 e 10



*Mãos*, 2017 registro de performance de Matheusa por Aline Beatriz perfurações por Filipe Espindola/Atelier 24 (Detalhe)

O legado artístico de Matheusa Passareli transcende os limites da materialidade pois carrega o peso da indignação e da revolta de uma comunidade inteira, que roga por justiça num universo em que raras vezes essa justiça se faz presente. Disso resulta uma deificação necessária de “Theusa” (como era chamada), como uma tentativa vã de colocar em seu lugar um símbolo de luta, de força e de superação.

Na obra da artista visual brasileira Nídia Aranha, o corpo é um elemento essencial para explorar questões de gênero, identidade e poder. Suas pinturas e esculturas desafiam as noções convencionais de beleza e perfeição física, ao mesmo tempo em que questionam as normas sociais que governam o corpo. Suas obras evocam uma sensação de movimento e fluxo, como se o corpo estivesse em constante

transformação. A artista utiliza técnicas de representação figurativa e abstrata para criar obras que refletem a diversidade e a complexidade do corpo humano. Nídia é uma artista comprometida em desconstruir estereótipos e em valorizar a singularidade e a subjetividade do corpo.

Imagens 10 e 11

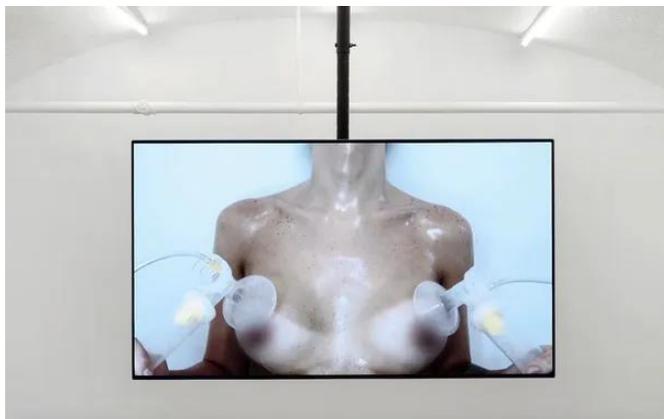
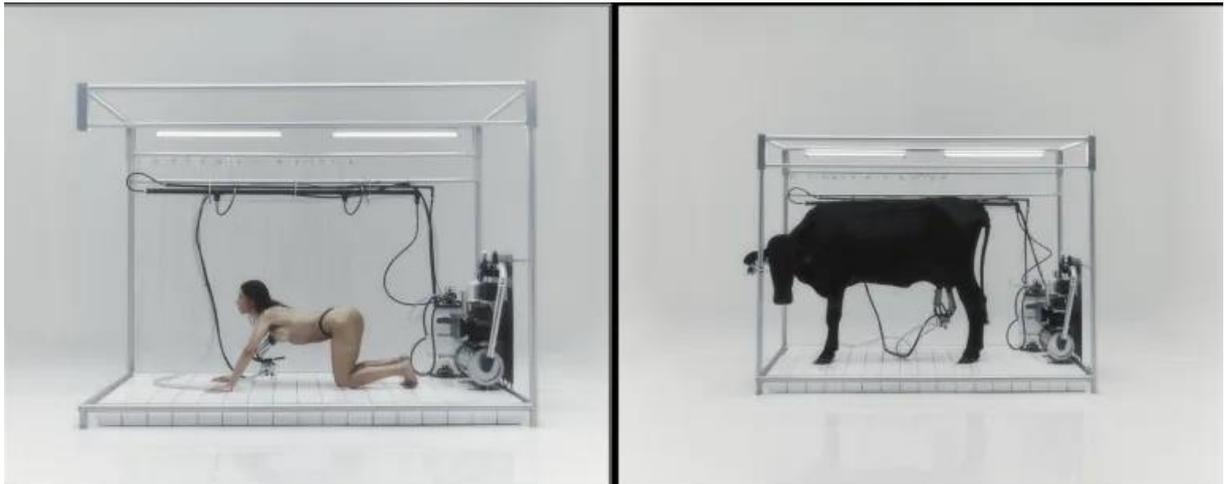


Imagem 12

*ORDENHA 002*, 2017 vídeo performance de Nidia Aranha.

A obra de Cecily Brown (1969), artista visual britânica, é uma celebração da fisicalidade do corpo humano. Suas pinturas exploram a relação entre a carne e a consciência, criando um diálogo entre o corpo e a mente. Brown utiliza pinceladas expressivas que enfatizam o gesto e a textura, criando obras que parecem vibrar de energia, obras que evocam a força e a vitalidade do corpo humano em ação. Suas telas são uma explosão de cenas de coletivos, cores e formas e contrastes que

desafiam a noção convencional do corpo como algo limitado e estático. Para Brown, o corpo é um instrumento poderoso de expressão, capaz de transmitir emoções e experiências de forma visceral e intensa.

A afecção com a obra de Cecily Brown se dá a partir de sua ebulição criativa, sua obra traduz uma compulsão enérgica e vibrante que sugere um gesto contínuo, inesgotável e agressivo, e que resulta em composições muito potentes.



Imagem 13

Cecily Brown, *The Fox and Geese*, 1969.

Imagem 14



Cecily Brown, *Where, When, How Often and with Whom?*, 2017.



Imagem 15

Cecily Brown, *Maid in a Landscape*, 2021.

É esse turbilhão de sentimentos, que se percebe de forma tão ostensiva na obra de Cecily Brown, o que move meu fazer artístico no presente momento, que obedece apenas ao pulsar de uma vontade de manifestar-se através de gestos traduzidos em formas e cores.

## **5. Proposição de atividades para o Ensino Médio e Estágio III**

Assim, trazendo os referenciais artístico-filosóficos desses seis artistas citados no capítulo anterior além das reflexões geradas a partir da própria experiência com poética visual, ancorado no pensamento de autores como bell hooks, Patrícia Hill Collins e Edvaldo S. Couto, além das reflexões que surgiram no desenvolvimento das aulas em História do Ensino da Arte no Brasil, ministradas pela professora Paola Basso Menna Barreto Zordan, foi criado o projeto intitulado: Identidade Adolescente: Nasce um Corpo, desenvolvido no Trabalho de Conclusão em conjunto com a experiência no Estágio III, sob orientação da professora Luciana Gruppelli Loponte.

Breve comentário da experiência do Estágio III no Colégio de Aplicação da UFRGS:

Mergulhando na temática “identidade adolescente: nasce um corpo”

As aulas ministradas nesse cenário proporcionam um espaço curioso para explorar conceitos interligados que desafiam as noções convencionais de corpo, identidade e pertencimento de corpos “estranhos” na sociedade. Inspiradas nas obras "Ensinando a Transgredir", de bell hooks; "Frankenstein", de Mary Shelley; "Uma estética para Corpos Mutantes", de Edvaldo S. Couto e "Interseccionalidade", de Patrícia Hill Collins,

essas aulas buscaram engajar os alunos de maneira reflexiva, incentivando uma percepção crítica e criativa com relação ao desenvolvimento dos trabalhos.

Através da provocativa perspectiva de bell hooks, as aulas buscaram provocar os alunos a questionar as normas impostas pela sociedade e a desafiar as expectativas que definem os corpos e as identidades admitidos. O espírito inquisitivo e desafiador de hooks permanece em cada sessão, ao instigar a desconstrução dos padrões. Ao propor uma reflexão crítica sobre os sistemas educacionais e a importância da educação como prática transformadora, hooks oferece uma perspectiva relevante para a análise da cultura do ensino de artes, especialmente em relação à necessidade de um ensino que promova a diversidade e a inclusão na representação dos corpos. A ideia de que a educação pode ser uma ferramenta de libertação e transformação social, uma educação efetivamente inclusiva, se confirma a partir dessa abordagem da autora gerando uma possibilidade de que as pessoas (alunos), expressem suas identidades sem medo de repressão ou discriminação.

A sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades temos a oportunidade de trabalhar pela Liberdade, de exigir de nós e dos nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática da Liberdade (hooks, p.273, 2013).

Ao incluir o clássico literário "Frankenstein" nas discussões agrega-se uma nova dimensão particular ao diálogo dentro da sala de artes. Através da trama complexa e da relação entre o criador e a criatura, o livro oferece uma perspectiva chocante sobre a formação da identidade e o impacto das intervenções tecnológicas<sup>5</sup> no corpo humano. Ao trazer esses conceitos de pós-corpos, corpos estranhos, os alunos assumem o papel de criadores e são encorajados a explorar as interações entre

---

<sup>5</sup> Embora a obra "Frankenstein" de Mary Shelley publicada pela primeira vez em 1818 não aborde o tema da tecnologia como a entendemos atualmente, o livro contém elementos que podem ser interpretados à luz da relação entre identidade e tecnologia, como a criação da criatura através de processos científicos avançados.

criação, ética e identidade num nível mais profundo. Nas palavras de Victor Frankenstein observa-se o genuíno estado de êxtase diante da expectativa da criação

É difícil conceber a variedade de sentimentos que me empurrou para adiante, feito um furacão, no primeiro entusiasmo do sucesso. A vida e a morte me pareciam limites idealizados, que eu deveria primeiro romper, e derramar uma torrente de luz em nosso mundo obscuro. Uma nova espécie haveria de me reverenciar como seu criador e sua origem; muitas naturezas felizes e excelentes deveriam a mim o próprio ser. Nenhum pai poderia reivindicar tão completamente a gratidão do filho quanto eu mereceria a desses seres. Continuando com tais reflexões, pensei que, se eu era capaz de animar a matéria sem vida, seria capaz, com o tempo (embora então eu achasse impossível) de renovar a vida onde aparentemente a morte tivesse imposto ao corpo a deterioração. (Shelley, p. 71,2020)

Por sua vez, o artigo "Uma estética para Corpos Mutantes", de Edvaldo S. Couto, lança novas luzes sobre as maneiras pelas quais as representações de corpos podem contestar ou refletir novos padrões de estética e influenciar a percepção das identidades.

Sob a lógica do consumo, são deflagrados novos hábitos e comportamentos, onde cada um passa a ser responsável pelo gerenciamento da aparência e dinâmica física e mental, comprometido com fluxos, velocidade e imediatismos, visando resultados praticamente instantâneos. Sob o peso dessa responsabilidade, cada um passa a ser avaliado, exaltado, julgado, acusado e, às vezes, condenado, pelo corpo e pela saúde que tem. O que é dito é que cada um pode ter o corpo que deseja, escolher e fabricar a versão corporal mais adequada para cada atividade que pretende desenvolver, mas nessa estética hegemônica do corpo mutante não existe espaço para preguiça, acomodação e pouco caso. É preciso ter pressa. (Couto, p. 55, 2009)

No desenvolvimento das aulas, é sugerido então aos alunos o desenvolvimento de processos de experimentação, explorando técnicas como pintura, gravura, escultura, desenho e colagem para expressar ideias e sentimentos em relação ao corpo criado. Essa abordagem prática, ancorada fundamentalmente nos conceitos desses autores, destaca a importância de uma educação que não só promova a expressão poética individual e ou coletiva, mas também estimule a subversão de 'conceitos rígidos e a promoção de um pensamento crítico diante das complexidades ligadas à percepção do corpo na atualidade.

Falar sobre os conceitos de "Interseccionalidade", de Patrícia Hill Collins, abre caminhos ainda mais amplos de diálogo. A perspectiva interseccional mostra como diferentes identidades e sistemas de opressão se entrelaçam, moldando as experiências dos corpos de forma complexa. Os alunos são convidados então a questionar quem são os corpos criados artisticamente e a explorar as conexões intrincadas entre gênero, raça, classe e outras dimensões da identidade, tal como delineado por Collins em sua obra.

... a conceituação da identidade como inerentemente da ordem da coalizão gera novos sentidos para entendermos a constituição de identidades coletivas e fomenta a política de solidariedade. Essa ligação entre identidade e coalizão também dialoga com a relacionalidade, uma das ideias centrais da interseccionalidade. (Collins, p. 208, 2021)

As aulas ministradas não apenas exploram os conceitos-chave dessas obras influentes, mas também os interligam. Ao promover a criação artística e a reflexão crítica, as aulas buscam empoderar os alunos a desafiar as normas vigentes, ampliarem seus mundos e desenvolverem uma compreensão aprofundada e matizada das complexidades de quais corpos são esses e o que a eles é permitido.

Durante as aulas que cursei sobre História do Ensino da Arte no Brasil, realizadas no último semestre, mais especificamente após a leitura do texto de autoria da professora Paola intitulado "Os saberes mágicos do início da Modernidade", ocorre a reflexão acerca da consideração do "corpo". No período do renascimento o corpo resgata seu status de importância na compreensão do cosmos a ponto de servir de base e medida para as criações artísticas e arquitetônicas, um resgate importante que se estendia às compreensões dos estudos herméticos e científicos desenvolvidos amplamente e livremente na época.

O corpo humano é o principal microcosmos, foco de atenção para o humanismo consolidado no Renascimento. Imagem do cosmos, semelhança divina e obra prima da criação, o modelo do corpo serve de base para o projeto de templos e como medida para as coisas. A crença na sintonia entre corpo e astros aparece nas explicações mítico-patológicas das doenças. (Zordan, p. 167, 2013)

Passados tantos anos e, após tantas reduções da compreensão de importância e relevância dessa entidade chamada corpo, é interessante observar como o tema do corpo ainda provoca questionamentos nos mais variados setores e notoriamente nas instituições de ensino, principalmente no que se refere a sua inserção, liberação e transformação, ou seja, aspectos relacionados às questões de corpo/identidade.

### Estágio III: Ensino Médio

No Estágio III, realizado no Colégio de Aplicação da UFRGS sob orientação da professora Luciana Gruppelli Loponte, foi desenvolvido um programa de aulas para uma turma de primeiro ano do ensino médio, com 3 estudantes. O programa teve como título: Identidade adolescente: nasce um corpo.

Para as aulas foram disponibilizados alguns materiais da escola e materiais trazidos pelo professor estagiário, que poderiam auxiliar na execução das propostas. A escola possui duas salas de artes com materiais diversos e data show para visualização de imagens pertinentes ao assunto

O tema trabalhado foi relativo aos conceitos de corpo, diversidade e identidade de ser adolescente ou jovem a partir do desenvolvimento de exercícios de pinturas sobre materiais variados como madeira, tecido, metal e papelão. A partir de um projeto inspirado no Jogo Coletivo “*Cadavre Exquis*”<sup>6</sup>, do movimento surrealista, os participantes criam fragmentos de pinturas individuais que unidas revelam um outro corpo, um corpo estranho. Tendo ainda como inspiração o livro “Frankenstein”, de Mary Shelley, o projeto visava a criação de corpos e não apenas a criação mas também o questionamento de quem são esses corpos criados.

Com o objetivo de provocar a reflexão dos alunos sobre os conceitos de Corpo, diversidade, arte contemporânea e identidade de ser adolescente, também se

---

<sup>6</sup> *Cadavre Exquis* é uma técnica artística e literária criada pelos artistas surrealistas na década de 1920. Essa técnica envolve a criação colaborativa de uma obra, seja ela um desenho, poema ou história, em que cada participante contribui com uma parte sem saber exatamente o que os outros contribuirão. (CESARINY, 1989).

buscava desmistificar as noções de suporte tradicional de pintura sobre tela, ao apresentar suportes alternativos para as práticas de pintura.

O Primeiro ano do ensino médio é uma época marcante na vida de um adolescente. Os estudantes estão na faixa etária entre 15, 16 e 17 anos. Trazer esses conceitos sobre corpo e representação que questionam as formas tradicionais, colabora para o desenvolvimento da abertura do olhar perante os próprias ideias que se tenha do que seja possível realizar ou perceber, sem os filtros determinados pelo *status quo*. A intenção é colaborar no processo educativo e também na construção de uma sociedade mais consciente e sobre a questão dos diferentes tipos de estrutura de suporte para as pinturas, romper com o cânone da pintura tradicional que ainda habita o meio escolar, explorando atravessamentos com a pintura contemporânea.

A avaliação foi feita com base na observação de cada aluno, com pareceres descritivos e a aplicação de conceitos de acordo com os critérios do Colégio de Aplicação.

Nas primeiras aulas foram apresentados os conceitos e já alguns exercícios com o jogo proposto *cadavre exquis*. Na continuação os alunos criaram um esboço de um corpo onde cada aluno contribui com elementos que seriam combinados. Já a partir da terceira aula foram apresentados alguns materiais trazidos pelo professor (madeira, metal, espuma, papelão, tecido, argila e tintas) que poderiam servir de suporte para o início do processo de criação dos corpos que, após sua consolidação, seriam pintados e impressos sobre papel, como uma gravura, criando novas imagens. Através de um processo de desenho de partes de um corpo, os alunos ainda poderiam recortar essas partes e realizar novamente o processo de gravura.

Após uma conversa e aula expositiva com apresentação das referências artísticas em Matheusa Passareli, Jaider Esbell, Jean Michael Basquiat, Maria Lídia Magliani, Nídia Aranha, Cecily Brown e Kiki Smith e após uma reflexão sobre os primeiros resultados

dos trabalhos os alunos continuaram de maneira espontânea a criação desses corpos com o auxílio do professor respeitando a naturalidade do processo. Para a criação de um corpo ou mais corpos, os alunos mesclaram com argila os materiais já utilizados para criar um ou mais corpos tridimensionais.

A saída de campo para assistir à peça de teatro “Se eu tiver um amor no fim do mundo por favor não me acorde”, na Sala Qorpo Santo, no Campus Central da Ufrgs, buscou agregar valor estético e possibilidades poéticas junto a prática de desenvolvimento criativo que teve continuidade na continuação das aulas com a introdução do *biscuit*.

Algumas imagens dos exercícios desenvolvidos pelos alunos:



Exercícios de *Cadavre Exquis*





Corpo criado e impressão.



Impressões sobre tecido dos corpos criados



Impressões sobre tecido dos corpos criados

Como proposta final os alunos deveriam refletir na forma de um trabalho textual ou pictórico sobre a questão “quem são esses corpos e o que eles podem”, contando a história desses novos corpos criados.

## **6. Considerações finais**

Chegando ao final dessa etapa na trajetória desenvolvida no curso de Licenciatura em Artes Visuais, percebo que atingi alguns objetivos que foram importantes para a minha formação como artista e futuro educador. Fundamentalmente, consegui transpor os abismos que me impediam de compreender a Escola como um espaço de múltiplas possibilidades, como um lugar de exercício de plenas liberdades. Perdi o receio e a resistência das instituições de ensino ao perceber que tudo pode ser conduzido de forma leve. Compreendi que todo conhecimento adquirido na prática é um bem muito precioso e a possibilidade de transmitir saberes é algo único e necessariamente uma via de mão dupla.

A exploração de conceitos de diversidade e inclusão por meio da arte no contexto escolar revelou-se como algo fundamental para a construção de seres de pensamento livre e a liberdade, percebo agora, deve estar na base de qualquer entendimento de Educação verdadeiramente eficaz.

Através da pintura criei corpos resilientes e frágeis também. Na busca de representação dos múltiplos conceitos que foram apreendidos durante o curso e ao

longo dos últimos anos, as formas “corpos estranhos” captam de forma natural a maneira como tudo foi percebido. São as percepções que tenho dos seres e do fecundo universo das artes. Acredito firmemente que esta pesquisa pictórica continuará a se expandir, na busca incessante por alcançar todos os tipos de corpos vivos, comunicando experiências e ideias em fluxo permanente.

## 7 Referências

- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2019.
- CESARINY, Mário, **Antologia do Cadáver Esquisito**, Lisboa, Assírio & Alvim, 1989.
- COLLINS, Patricia Hills; BILGE, Silma: Trad. SOUZA, Rane – **Interseccionalidade**. Sao Paulo: Boitempo, 2020.
- COUTO, Edvaldo S. e GOELLNER, Silvana Vilodre; **Corpos mutantes: ensaios sobre novas (d) eficiências corporais**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade I, A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.
- SHELLEY, Mary, **Frankenstein** [livro eletrônico]; tradução de Alexandre Barbosa de Souza. – São Paulo: Via Leitura, 2020.
- HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- SPINOZA, B. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

ZORDAN, Paola Basso Menna Barreto. **Os Saberes Mágicos do Início da Modernidade**. Revista Teias v. 14 • n. 33 • 157-167 •

<https://sxpolitics.org/ptbr/corpo-estranho-por-matheusa-passareli/8349>